

Religion, Gender, and Populism in the Mediterranean, organizado por Alberta Giorgi, Julia Garraio e Teresa Toldy. London: Routledge, 2023, 216 pp.

 Monise Martinez

Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap)

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES)

martinezmonise@gmail.com

Religion, Gender, and Populism in the Mediterranean, organizado por Alberta Giorgi, Julia Garraio e Teresa Toldy, foi publicado pela Routledge em 2023. Em consonância com a literatura recente sobre as intersecções entre gênero e religião em contextos de ascensão do populismo de direita e/ou extrema direita, o livro contribui de forma inovadora com os estudos sobre o tema ao colocar em destaque a região do Mediterrâneo: uma região que engloba países europeus, africanos e asiáticos cujas histórias se conectam, como as organizadoras pontuam, por legados do colonialismo e efeitos do pós-colonialismo, mas particularmente pelo papel exercido pela União Europeia (UE) em torno das questões de gênero. Nesse sentido, destacando, a partir de uma abordagem integrada, as semelhanças e as diferenças de oito territórios da região quanto às suas configurações religiosas, história dos movimentos feministas/de mulheres e regimes políticos, a obra evidencia como as intersecções entre religião, gênero e populismo são sistemáticas na região, como também são em outros espaços geopolíticos nas quais vêm sendo examinadas (ver Dietze e Roth 2020; Norocel e Giorgi 2022).

A construção de uma narrativa única, capaz de evidenciar essa sistematização, dá-se ao longo dos capítulos de análise. Comprometidos com a apresentação de casos que ilustram as relações entre religião, gênero e populismo a partir das particularidades históricas e socioculturais que contribuem para a configuração de um *antigenderism* “à moda de”, os capítulos organizam-se, a meu ver, em três grupos principais, de acordo com seus enfoques temáticos: (i) emergência e/ou a disseminação de discursos antigênero por atores religiosos e/ou políticos em momentos de oportunidades políticas (casos de Portugal, Croácia, Grécia e Turquia); (ii) tensões entre ativistas e organizações de mulheres e LGBTQ+ diante dos desdobramentos do *gender mainstreaming* e sua relação com os interesses de atores religiosos e políticos (casos da Sérvia e Bósnia-Herzegovina); e (iii) subjetividades de mulheres religiosas em contextos nos quais a religião é cooptada na construção de narrativas nacionalistas (casos da Itália e Israel). Partindo desses enfoques, os quais não se pretendem excludentes, os temas de destaque nos casos analisados se entrelaçam, permitindo-nos compreender como, mesmo diante das diferenças históricas, políticas e religiosas entre os países examinados, o populismo¹ se manifesta de forma

¹ Aqui, entendo populismo, em conformidade com Cas Mudde (2004, 543), como “uma ideologia que considera que a sociedade está [...] dividida em dois grupos homogêneos e antagônicos: ‘o

sistemática por meio da mobilização de discursos e atores religiosos (católicos, cristãos ortodoxos, muçulmanos ou judeus), bem como de narrativas sobre gênero alinhadas aos interesses políticos em jogo.

O último capítulo do livro é, então, aquele no qual esse panorama gradualmente construído é colmatado pelas organizadoras, permitindo-nos colocar em perspectiva as particularidades dos casos examinados a fim de pensá-los como partes de um todo. Para este efeito, as autoras começam por pontuar o *status* dos países onde eles ocorrem na UE, diferenciando-os entre Estados-membros (Portugal, Itália, Croácia), associados (Israel), em processo de adesão (Sérvia e Turquia) e candidato (Bósnia-Herzegovina), bem como pontuando as relações de oposição e/ou aderência ao bloco político-econômico que os atravessa. Aqui, o olhar atento ao modo como discursos euroceticistas são ou não mobilizados por atores populistas de direita/extrema direita nos informa como, independentemente da maior ou menor inclinação às narrativas de desconfiança e descrença na UE, a presença dessa é uma referência para os Estados analisados no livro. Nesse sentido, embora haja diferenças no modo de conduzir ideias sobre a pertença/permanência na UE, a percepção dessa como uma presença coerciva quanto às diretivas, legislações e compromissos com a igualdade de gênero e a justiça social é tão unânime quanto a compreensão dos direitos das mulheres e da população LGBT+ como uma “ideologia importada” por ela imposta. E é precisamente por meio do entrelaçamento entre essas percepções e discursos religiosos que atores populistas dão corpo a diferentes narrativas de acordo com a realidade social e os interesses políticos em jogo nos seus países de atuação.

No livro, os casos examinados em Portugal, Itália, Croácia, Grécia e Turquia, por exemplo, evidenciam, respectivamente, como discursos católicos, cristãos ortodoxos e islâmicos servem de base para sustentar narrativas de direita/extrema direita nas quais, independentemente do grau de euroceticismo desses atores, a UE é vista como ameaça ao corpo nacional à medida que subverte a (suposta) ordem natural dos gêneros e da família. Além disso, em Portugal, Itália, Grécia e Israel, a “religião do outro” é uma questão também enquadrada por questões de gênero. As narrativas populistas homo/femonacionalistas, islamofóbicas e anti-imigração nos referidos países europeus são exemplos dessa moldura (ver Farris 2017; Puar 2007), assim como as narrativas do Estado de Israel sobre o Islã — as quais, vale destacar, independem do populismo — combinam religião e gênero com práticas colonialistas. No contraponto dessas tendências, na Sérvia e na Bósnia-Herzegovina, países cuja posição é mais frágil perante a UE e nos quais as narrativas sobre a religião do outro também existem, a relação entre religião, gênero e populismo vai, em partes, por outros caminhos, com a Igreja Ortodoxa (na Sérvia) e diferentes comunidades religiosas (na

povo puro’ versus ‘a elite corrupta’, e que a política deve ser uma expressão da ‘volonté générale’ do povo”.

Bósnia) assumindo posições moderadas/de apoio sobre as questões de gênero para manter uma “democracia de fachada” que não coloque em risco seus processos de adesão/candidatura à UE.

A esse panorama de intersecções entre religião, gênero e populismo traçado a partir das convergências sobre representações discursivas da UE na região mediterrânea soma-se, ainda, a incorporação dos movimentos feministas/de mulheres como elemento relevante para entender o *background* social, histórico e cultural dos casos analisados no livro. Chamo atenção a essa escolha analítica porque não só a compreendo como um ponto diferencial da obra, como também um ponto crucial para tocar em pontos nevralgicos em torno dos debates sobre os campos feministas a nível global, bem como sobre os debates sobre religião e feminismos. No que diz respeito ao primeiro aspecto, um olhar apurado para processos/fenômenos transnacionais que vêm afetando os campos feministas nas últimas décadas, como a politização de gênero, a partir dos anos 1970, exemplificado por uma série de conferências da ONU, permite, como ocorre no livro, o desenvolvimento de um debate crítico sobre como a UE incorporou (e segue incorporando) as questões de gênero em suas práticas e as ambivalências nos efeitos desse processo para os movimentos feministas em diferentes geografias (ver Alvarez 2014; Walby 2005; Verloo 2005). Nesse fazer, fatores como a institucionalização seletiva de agendas feministas, como a igualdade de gênero, visíveis em ações do *gender mainstreaming* na UE, conectam-se a dois fenômenos que são amplamente discutidos ao longo dos capítulos: o *backlash* contra os feminismos, expresso na reações de partidos de direita/extrema direita como o Chega (Portugal), o Fratelli di Italia (Itália), Aurora Dourada [Χρυσή Αυγή] e o Gregos Independentes [Ανεξάρτητοι Έλληνες] (Grécia) e o Partido Justiça e Desenvolvimento [Adalet ve Kalkınma Partisi] (Turquia), que desacreditam e atacam os feminismos e as agendas do *mainstreaming* usando doutrinas religiosas; e a própria cooptação de agendas feministas por atores populistas de extrema direita, seja por meio de artimanhas retóricas com vistas à defesa de projetos exclusionários, como no caso italiano, ou para promover uma ideia de emancipação que serve para obliterar realidades de iniquidades profundas enquanto o *status quo* patriarcal é mantido, como nos casos sérvio e bósnio.

Em qualquer dos casos, a conversão dos feminismos numa questão *de* política em vez de numa questão política lança não só um alerta sobre os crescentes processos de reenquadramento dos feminismos nos campos de direita/extrema direita (ver Farris & Rottenberg 2017), como também, neste cenário, as relações de tensão entre feminismos e religião, o qual já há algum tempo tematiza debates nas ciências sociais. Em tais debates, os processos de marginalização de mulheres religiosas são colocados em causa, lançando luz ao modo como projetos feministas de sociedade, ancorados em retóricas que questionam a compatibilidade entre feminismos e religião, apresentam o feminismo como unicamente secular, a religião como antiemancipatória *per se* e o secularismo, portanto, como condição para a igualdade de gênero. No livro, os casos de mulheres religiosas que exploram o

potencial emancipatório de suas religiosidades na Itália, na Palestina e na Turquia evidenciam como a religião, embora em muitos casos mobilizada por atores populistas conservadores em seus projetos exclusionários, é um elemento em disputa e um campo no qual mulheres também travam suas lutas pelos seus direitos e por sociedades mais justas, incluindo quando se trata de fazer oposição a atores populistas de direita/extrema direita.

Desse modo, como busquei evidenciar nesta recensão, *Religion, Gender, and Populism in the Mediterranean* contribui significativamente com os estudos sobre religião, gênero e populismos ao prover análises que abordam a região mediterrânea em sua complexidade. Ao evidenciar como religião e gênero podem ser mobilizados por atores populistas de direita/extrema direita para responder a diferentes interesses políticos, mas também como podem ser articulados por mulheres religiosas para tecer resistências, o livro mostra, em primeira análise, os diferentes potenciais da religião quando combinada às questões de gênero. De igual modo, evidencia os efeitos ambivalentes da incorporação seletiva de agendas feministas à gramática da UE para os países da região, inscrevendo-se, por meio deste recorte, no rol dos debates que se têm feito sobre as oposições ao projeto feminista de sociedade na Europa, incluindo a necessidade de pensá-las, para além das ações explícitas e organizadas. Ao articular de forma integrada as diversas configurações discursivas — que vão desde a influência da União Europeia na região mediterrânea até a mobilização da religião e de discursos religiosos e de gênero na construção de narrativas nativistas/nacionalistas — a obra oferece pistas cruciais para repensarmos, desde uma perspectiva feminista, sobre os mecanismos de poder e resistência, contribuindo para a construção de análises críticas e abrangentes acerca dos processos políticos e sociais que marcam o cenário contemporâneo.

Referências bibliográficas

- Alvarez, Sonia E. 2014. “Engajamentos ambivalentes, efeitos paradoxais: movimentos feminista e de mulheres na América Latina e/em/contra o desenvolvimento.” *Revista Feminismos* 2(1): 57-77.
- Dietze, Gabriele, & Julia Roth. 2020. “Right-Wing Populism and Gender: A Preliminary Cartography of an Emergent Field of Research.” In *Right-Wing Populism and Gender: European Perspectives and Beyond*, organizado por Gabriele Dietze & Julia Roth, 7-22. Bielefeld: Transcript.
- Farris, Sara. 2017. “Introduction: In the Name of Women’s Rights.” In *In the Name of Women’s Rights: The Rise of Femonationalism*, 1-21. Durham: Duke University Press.
- Farris, Sara, & Catherine Rottenberg. 2017. “Introduction: Righting Feminism.” *New Formations: A Journal of Culture/Theory/Politics* 91: 5-15. DOI: <https://doi.org/10.3898/NEWF.91.INTRODUCTION.2017>
- Mudde, Cas. 2004. “The Populist Zeitgeist.” *Government and Opposition* 39(3): 541-563. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1477-7053.2004.00135.x>

- Norocel, Ov Cristian, & Alberta Giorgi. 2022. "Disentangling Radical Right Populism, Gender, and Religion: An Introduction." *Identities* 29(4): 417-428. DOI: <https://doi.org/10.1080/1070289X.2022.2079307>
- Puar, Jasbir K. 2007. *Terrorist Assemblages: Homonationalism in Queer Times*. Durham: Duke University Press.
- Verloo, Mieke. 2005. "Displacement and Empowerment: Reflections on the Concept and Practice of the Council of Europe Approach to Gender Mainstreaming and Gender Equality." *Social Politics: International Studies in Gender, State & Society* 1(3): 344-365. DOI: <https://doi.org/10.1093/sp/jxi019>
- Walby, Sylvia. 2005. "Gender Mainstreaming: Productive Tensions in Theory and Practice." *Social Politics: International Studies in Gender, State & Society* 12(3): 321-343. DOI: <https://doi.org/10.1093/sp/jxi018>

Como citar este texto:

[Segundo a norma Chicago]:

Martinez, Monise. 2025. "Recensão: *Religion, Gender, and Populism in the Mediterranean*, organizado por Alberta Giorgi, Júlia Garraio & Teresa Toldy. London: Routledge, 2023." *ex æquo* 51: 237-241. DOI: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2025.51.14>

[Segundo a norma APA adaptada]:

Martinez, Monise (2025) Recensão: *Religion, Gender, and Populism in the Mediterranean*, organizado por Alberta Giorgi, Júlia Garraio & Teresa Toldy. London: Routledge, 2023. *ex æquo*, 51, 237-241. DOI: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2025.51.14>



Este é um texto de Acesso Livre distribuído nos termos da licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>), que permite a reprodução e distribuição não comercial da obra, em qualquer suporte, desde que a obra original não seja alterada ou transformada de qualquer forma, e que a obra seja devidamente citada. Para reutilização comercial, por favor contactar: apem1991@gmail.com

